

Em meio a crise interna, Netanyahu demite ministro da Defesa de Israel

Divergências levam Netanyahu a demitir ministro da Defesa

Primeiro-ministro troca aliado mais moderado por chefe de sua diplomacia

BRASIL

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, demitiu ontem o seu ministro da Defesa, Yoav Gallant, após desentendimentos entre os dois sobre a condução da guerra na Faixa de Gaza. Gallant será substituído por Israel Katz, atual ministro das Relações Exteriores. Gideon Sa'ar, que estava sem pasta no governo, assumiu o cargo de Katz.

— Hoje, conversei com o ministro Gideon Sa'ar, que se uniu à coalizão, e lhe ofereci o cargo de ministro das Relações Exteriores — informou Netanyahu.

Em um pronunciamento postado nas redes sociais, o premier afirmou que "houve muitas lacunas entre ele e Gallant sobre a gestão das guerras de Israel". O primeiro-ministro disse ainda que uma crise de confiança se desenvolveu entre ele e o até então ministro da Defesa, o que não permitiu a "gestão normal da guerra".

ALISTAMENTO DE ORTODOXOS

A demissão de Gallant, figura poderosa dentro de seu partido, o Likud, é um passo dramático para Netanyahu. Gallant era cada vez mais visto como um oponente interno e uma voz mais moderada dentro

do governo em questões de segurança. Após o anúncio, em uma declaração em vídeo emitida por seu gabinete, Gallant escreveu nas redes sociais que "a segurança de Israel sempre foi e sempre será a missão de sua vida".

A saída do ministro aconteceu um dia depois de o Exército israelense, então comandado por ele, aprovar novas ordens de alistamento para 7 mil membros da comunidade judaica ultraortodoxa, questão muito sensível no país, onde as tropas estão sob pressão após mais de um ano de guerra em Gaza contra o Hamas e, mais recentemente, ações no Líbano



Demitido. Gallant (à esquerda) com Netanyahu no mês passado, no Parlamento.

no contra o Hezbollah. Após a demissão de Gallant, centenas de israelenses se reuniram em Tel Aviv para protestar. Gritando palavras de ordem contra o governo e o primeiro-ministro, os manifestantes se reuniram no centro comercial da cidade. Membros da oposição tam-

bém criticaram o anúncio. "Política às custas da segurança nacional", escreveu o presidente da União Nacional, Benny Gantz, que foi membro do extinto Gabinete de guerra de Netanyahu, a quem se opõe há muito tempo. "Um ministro da Defesa que anuncia ordens de recrutamento para

milhares de *haredim* (como são chamados judeus ultraortodoxos, dedicados à vida religiosa) e demitido no meio de uma guerra na véspera de um ataque por causa da lei de evasão", acrescentou Gantz, refletindo-se a uma esperada retaliação iraniana e à isenção dos ultraortodoxos do serviço militar obrigatório, mantida por Netanyahu em troca de apoio político do segmento.

"Vão para as ruas", postou no X outro opositor, o presidente do Democratas, Yair Golan.

Publicamente, só o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, de extrema-direita e partidário da anexação dos territórios palestinos, concordou com a decisão de Netanyahu, afirmando que "não é possível alcançar a vitória absoluta" com Gallant.

— O primeiro-ministro fez bem em removê-lo do cargo — disse Ben-Gvir, que já havia pedido a saída de Gallant em outras ocasiões.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 22